

# A UTILIZAÇÃO DOS ELEMENTOS REGIONAIS NA CONSTRUÇÃO DA NARRATIVA EM *VIDAS SECAS* DE GRACILIANO RAMOS<sup>1</sup>

Cláudia Mascarenhas Robatto<sup>2</sup>

## 1. INTRODUÇÃO

Este trabalho se propõe a apresentar a utilização de elementos regionais na construção da narrativa em *Vidas Secas*, de Graciliano Ramos. Apresenta uma análise crítica desse romance e busca abordar a importância da adoção dos elementos regionais como forma de remeter o leitor à ambiência da narrativa. Também, descreve-se as características desses elementos, possibilitando uma melhor compreensão das figuras de linguagem utilizadas pelo escritor.

Esses elementos estão ligados à vida difícil dos sertanejos e sua busca da sobrevivência. Podem-se observar os elementos relacionados com o clima, a fauna, a flora e o relevo.

Na primeira etapa desta pesquisa, realizou-se um levantamento dos elementos regionais e das figuras de linguagem presentes no romance. Na segunda etapa, efetuou-se uma pesquisa sobre a vida e obra do escritor alagoano Graciliano Ramos e o levantamento das características dos elementos selecionados, além de um estudo sobre o sertão brasileiro, em diferentes fontes, para que o trabalho fosse fundamentado na realidade da ficção graciliana.

Por fim, conclui-se o trabalho com uma análise crítico-reflexiva, com o intuito de despertar o interesse de quem tiver acesso a este trabalho, da problemática que sobressai no livro *Vidas Secas*.

## 2. ANÁLISE CRÍTICA

*Vidas Secas*, de Graciliano Ramos, apresenta um herói que não aceita o mundo repressor no qual vive e acaba por não aceitar a si mesmo, num conflito interno que só compete com a opressão e a dor da realidade exterior, trágica. Essa realidade dura e penosa é causada pela seca que assola a vida da família sertaneja.

O Nordeste, com seu drama social, é o palco desse conflito. A seca, que muitas vezes leva ao êxodo forçado; a desigualdade social alarmante; o coronelismo; a fatalidade e a eterna guerra contra a hostilidade e a dureza da natureza são questões fundamentais neste trabalho, já que os elementos regionais – presentes na paisagem do sertão – irão sendo construídos pela narrativa do romance que ali situa seu doloroso cenário.

Antes de adentrar o foco da pesquisa, sentiu-se a necessidade de refletir sobre o nordeste brasileiro e sua imensa caatinga, elementos fundamentais à construção da narrativa de *Vidas secas*.

Nos sertões nordestinos o inverno é sempre bem-vindo, pois chegam as chuvas – e a conseqüente floração das plantas – enchendo açudes, lagoas e fazendo os rios correrem sem interrupção. É também nessa época que os frutos amadurecem, e os insetos proliferam, produzindo alimentação abundante para aves e mamíferos, os quais constroem seus ninhos e criam sua prole. A caatinga, vegetação típica dessas regiões, fica toda verde, bela e exuberante. Daí a causa de Fabiano, personagem de *Vidas Secas*, no capítulo “Inverno” sonhar com prosperidade.

Mas o tempo passa, o verão chega, e o sol castiga o sertão. Logo as águas escasseiam e os rios temporários mostram seus leitos secos. As folhas amarelecem e começam a cair, desnudando as árvores. A imagem do sertão nordestino é a de uma região desolada e afligida por longos períodos de seca, desfazendo a sincronia com os ciclos sazonais. Esse problema atinge frontalmente à sociedade humana: os animais e as plantas adaptam-se ao ciclo natural de chuvas e da estiagem

---

<sup>1</sup> Pesquisa realizada sob a orientação do professor Nelson Gonçalves, Mestre em Literatura Brasileira e professor do Instituto de Letras da Universidade Católica do Salvador – UCSal.

<sup>2</sup> Acadêmica em Letras Vernáculas da Universidade Católica do Salvador – UCSal. [caumr@ig.com.br](mailto:caumr@ig.com.br).

prolongada. Apesar da aparência árida e pobre, a caatinga se revela como um ecossistema complexo, pela capacidade de adaptação de seus seres vivos à acentuada aridez do território.

Após esta breve incursão sobre aspectos do nordeste brasileiro, sucedem-se os elementos contidos na narrativa, onde podemos observar os relacionados aos aspectos geofísicos, tais como a fauna, flora, relevo e clima e, aos aspectos culturais, que serão apresentados a seguir e explicados no decorrer da análise.

Aves de arribações, tatu, cururu e gado bovino e ovino – no que diz respeito à fauna da caatinga – são alguns dos animais que habitam o romance.

As arribações têm esse nome devido ao vôo das aves, que migram do Raso da Catarina para o sertão nordestino em busca de água para sua sobrevivência e logo retornam, haja vista o reinício da seca. Elas são temidas pelos nordestinos, pois são prenúncio da amarga notícia da seca. Isso fica evidente em algumas passagens do romance: “O mulungu do bebedouro cobria-se de arribações. Mau sinal, provavelmente o sertão ia pegar fogo”.(RAMOS, 1986, p. 108) e “Quando elas desciam do sertão, acabava-se tudo. O gado ia finir-se, até os espinhos secariam”.(RAMOS, 1986, p. 110).

O tatu é um animal característico do sertão, vive no mato e possui uma carapaça que o protege dos inimigos. No romance, ele aparece em figuras de linguagem, mais especificamente nas comparações, quando Fabiano insiste em lutar contra a seca e vencê-la, por isso “estava escondido no mato **como tatu**. Duro, lerdo **como tatu**” (RAMOS, 1986, p. 24), na tentativa de proteger-se da sua maior inimiga.

O cururu é um sapo de porte médio, possui um couro grosso. Ele aparece no sertão somente em época de chuva. No romance, o vocábulo aparece trazendo uma comparação do sapo cururu com Fabiano, homem rude com o “coração grosso, como um cururu, enchia-se com a lembrança da cadela” (RAMOS, 1986, p. 114).

Fabiano, também se compara a um animal ao pensar no futuro e teme que “[...] seria aquilo mesmo a vida inteira, cabra, governado pelos brancos, quase uma rês<sup>3</sup> na fazenda alheia” (RAMOS, 1986, p. 24).

Mandacaru, xiquexique, juazeiro, macambira, angico, imburana e alastrado são representantes da flora sertaneja e estão presentes em todo o romance *Vidas Secas*. Essa formação vegetal da caatinga apresenta heterogeneidade quanto à sua aparência e composição. Em alguns trechos, é revelada uma mata rala ou aberta, daí o nome caatinga, que, na linguagem indígena, significa mata branca; em outros, o solo aparece quase descoberto, com apenas alguns arbustos isolados. Durante o período da estiagem, a vegetação tem um aspecto seco, sem folhagens, e o solo pedregoso exhibe as raízes das plantas. Trata-se de uma adaptação das plantas às condições climáticas. Dessa forma, as folhas finas que se desprendem das árvores fazem com que a planta diminua a transpiração, evitando a perda de água, e suas raízes, permanecendo na superfície do solo, absorvem mais rapidamente a água das chuvas.

O romance inicia sua narrativa “[...] na planície avermelhada os juazeiros alargavam duas manchas verdes [...]. A folhagem dos juazeiros aparece ao longe, vista através dos galhos pelados da caatinga rala”.(RAMOS, 1986, p. 9). Em verdade, o juazeiro era o único vegetal de cor verde naquele momento; isto se deve ao fato dessa espécie ser uma das últimas a perder suas folhas – característica que não se deve tanto à resistência da planta, mas ao fato dela ocorrer em lugares nos quais o lençol freático se encontra mais próximo à superfície. Há juazeiros frente à casa de Fabiano e esta, por sua vez, à frente de um rio.

Outra planta da caatinga é o mandacaru – espécie de cacto composto de espinhos venenosos. Aparece no romance em diversos momentos: tanto como representante da flora – “[...] distraiu-se olhando os xiquexiques e os mandacarus que avultavam na campina”. (RAMOS, 1986, p. 41). – quanto utilizado em figura de linguagem, para enquadrar o caráter e as ações do patrão – “Tudo seco em redor. E o patrão era seco também, arreliado, exigente e ladrão, espinhoso como um pé de mandacaru” (RAMOS, 1986, p. 24).

Os seixos que jazem no fundo de rios recobrem grande parte do solo da caatinga. Isto fica evidente no capítulo “Mudança”, quando as personagens “[...] tinham deixado os caminhos, cheios

---

<sup>3</sup> Entenda-se “rês” como todo e qualquer animal quadrúpede utilizada na alimentação do homem.

de espinhos e seixos, fazia horas que pisavam a margem do rio, a lama seca e rachada que escaldava os pés” (RAMOS, 1986, p. 10).

Aió, algibeira, picuás, pucumã e mundéu são alguns dos objetos que aparecem no decorrer do romance e estão inseridos na cultura do povo sertanejo.

Aió, algibeira e picuás são recipientes utilizados para guardar objetos. O aió é uma espécie de bolsa feita de fibra, onde Fabiano guardava seu material de caça, como podemos perceber na passagem: “Em seguida acocorou-se, remexeu o aió, tirou o fuzil, acendeu as raízes de macambira [...]” (RAMOS, 1986, p. 15). Algibeira é um saquinho, normalmente trazido preso à cintura, ou se refere ao bolso da calça; picuá é uma espécie de cesto. Esses termos estão presentes nos objetos da cultura nordestina e comparecem em *Vidas Secas*: “[...] amarrou as notas na ponta do lenço, meteu-as na algibeira, dirigiu-se à bodega de seu Inácio, onde guardara os picuás” (RAMOS, 1986, p. 26).

Pucumã é uma teia de aranha, e no relato de Graciliano, “[...] as cortinas de pucumã do teto [...]” (RAMOS, 1986, p. 44).

Mundéu é uma arapuca, espécie de armadilha que Sinhá Vitória decide “[...] armar um mundéu perto do poleiro” (RAMOS, 1986, p. 45), depois que a raposa comeu a galinha gorda.

Todos os elementos citados participam da cultura do sertão nordestino e, ao utilizá-los, o narrador deixa emergir esse cenário, tantas vezes visto de forma depreciativa. Observe-se como Graciliano Ramos se refere àquela região: “*Vidas Secas* tem uma história mesquinha — um casal vagabundo, uma cachorra e dois meninos”.

A causa principal da presença de vocábulos pertinentes à fauna, flora, relevo, clima, assim como outros que são inerentes à cultura da região onde se desenvolve o romance *Vidas Secas*, é que são de vital importância na construção em sua narrativa.

No romance, é observada uma limitação dos elementos que cercam os protagonistas. São essas limitações que determinam seu modo de vida, inclusive com o uso dos elementos que lhes são familiares. É por esta razão que tais objetos servem como um diagnóstico em relação aos personagens – devido às suas características – para construir o caráter e as ações de outros personagens, por meio de uma linguagem seca com uso constante de figuras de linguagem que amparam a temática e, assim, definem-lhes os traços, sem que nos deparemos com excessos narrativos ou descritivos. O vocabulário, desconhecido das pessoas distantes daquela realidade castigante do nordeste brasileiro, colabora para a atmosfera de restrição material de bens dos personagens – um quase nada, como se lê em *Vidas Secas*.

Os personagens começam a ter a percepção de outros elementos, que diferem dos já conhecidos, quando migram, em fuga, primariamente para o sudeste, tentando fugir da seca que tanto os castiga.

### 3. REFERÊNCIAS

RAMOS, Graciliano. **Vidas Secas**. 57. ed. Rio, São Paulo: Record, 1986.

Lins, Álvaro. **Romance Brasileiro: Valores e Misérias das Vidas Secas**. São Paulo: Record, 1992.

SANT’ANNA, Affonso Romano. **Análise Estrutural de Romances Brasileiros**. 6.ed.. Petrópolis: Vozes, 1984.

AMABIS, José Mariano. **Biologia das Populações**. 1. ed. São Paulo: Moderna, 1994. V. 3.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo Dicionário da Língua Portuguesa**. 1. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1979.

GRACILIANO Ramos <<http://www.nilc.icmsc.sc.usp.br/literatura/gracilianoramos.htm>> Acesso em: 03 jun. 2003.

GRACILIANO Ramos <[http://www.vidaslusofonas.pt/graciliano\\_ramos.htm](http://www.vidaslusofonas.pt/graciliano_ramos.htm)> Acesso em: 03 jun. 2003.